

Marcello Gama: decadente, supersticioso e anárquico

letrônica

Davi de Souza¹

Marcello Gama, cujo nome de registro era Possidônio Cezimbra Machado, nasceu no dia 3 de março de 1878, em Mostardas, no Rio Grande do Sul. Com 17 anos foi para Cachoeira do Sul e mais tarde para Porto Alegre, onde publicou os livros: *Via sacra* (1902, poesia), *Avatar* (1905, teatro), *Noite de insomnia* (1907, poema), além de poesias e textos variados dispersos em jornais e revistas. No *Correio do Povo*, jornal de Porto Alegre, publicou muitas crônicas e crítica literária. Fundou a revista *Artes e letras* (1898) e *A lua* (1900), esta última em Cachoeira do Sul. Com Zeferino Brasil criou também a revista teatral *A peste bubônica*. Suas obras completas, reunidas e publicadas pela Sociedade Felipe D'Oliveira com o título *Via sacra e outros poemas* (Rio de Janeiro, 1944), trazem os três livros mencionados acima mais poemas inéditos, copilados com o título de "Dispersos".

Era seu companheiro de boemia, além de Zeferino Brasil e outros escritores riograndenses, Felipe D'Oliveira, com quem mais tarde seguiria trabalhando junto no Rio de Janeiro, aonde ambos foram viver.

É interessante a amizade entre eles, pois se encontram em Gama certos aspectos proto-surrealistas e Felipe D'Oliveira será quem, no Brasil, publicará o primeiro livro de poesia surrealista: *Lanterna verde*, em 1926. Parentescos estéticos com Gama, na obra de D'Oliveira, nota-se em seu primeiro livro, *Vida extinta*, de 1911, bem como em versos de *Alguns poemas*, livro póstumo de 1937. Fato, aliás, bastante natural, considerando a amizade e o comum convívio no meio ambiente simbolista da Porto Alegre do início do século passado.

Pouco há sobre Gama na historiografia crítica brasileira. E quando sobre ele se diz alguma coisa, costuma-se ligar seu nome ao de Cesário Verde, talvez por conta de Andrade

¹ Doutorando em Literatura (UFSC), com pesquisa em *Villiers de L'Isle-Adam: tradução e exorcismo*, bolsista CAPES; organizador da coleção Arquivo Decadente (Edições Nephelibata), na qual se inclui o livro *Noite de insomnia/ Avatar e outros poemas* (2010) de Marcello Gama.

Muricy, que o incluiu no *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, dando-lhe um lugar no limbo de nossa literatura e fazendo menção à poesia do cotidiano de Cesário Verde e Mário Pederneiras. O que os posteriores repetem até hoje (esquecendo-se, no entanto, de Pederneiras). Afirmações como a de Massaud Moisés, por exemplo, de que “Marcello Gama filiou-se, mais do que outros simbolistas, à poesia do cotidiano de Cesário Verde” (1984, p. 97) parecem-me ter mais motivos lusófonos do que consistência. Gama não era ‘filiado’ a ninguém, como também é duvidosa a ‘filiação’ desses “outros simbolistas”. O simples fato de um poeta ler outro não significa que se possa, menos ainda que se deva, reduzi-lo a uma *sombra* poética, ou a uma ‘filiação’. O que não significa que não tenha, obviamente, alguns traços de Cesário em sua poesia. Sabe-se que Cesário, Antonio Nobre e, pouco depois, Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, cá deixaram reflexos, sobretudo na segunda geração simbolista, à qual Gama pertenceu. Mas nada mais do que reflexos.

Por outro lado, “legítimo precursor do Modernismo” é um tipo de afirmação de quem procura aproximar forçadamente (sempre!) poetas do início do século XX ao “movimento revolucionário de 1922” (sic), como faz Moisés (1984, p. 100). Quando o contrário é o que parece ser mais coerente: os ‘modernistas’ é que são pós-simbolistas, já que em toda e qualquer parte a modernidade literária, pós-romântica, nasce com decadentes e simbolistas.

* * *

Numa carta datada de setembro de 1984 a Mário Cesariny, o poeta português Nicolau Saião diz que sua “estadia junto dos anarquistas ibéricos foi um equívoco provocado pelo facto de eu julgar que as pessoas que se dizem livres têm poesia na cabeça e no corpo, trocando: que são a própria poesia”. E completa: “a Anarquia, para mim, teria de ser a poesia em movimento” (SAIÃO, 2006, p. 147).

Marcello Gama, que dentre muitos poetas é só mais um decadente por natureza e simbolista, talvez, por opção, criou uma obra, assim como uma vida, movimentada inteiramente pela poesia. Não apenas isso tem alguma transparência em seus versos — “nasci para ser poeta... E que querem que eu faça?” (GAMA, 2010, p. 28)² —, como também em sua vida: “integralmente poeta, queria viver no sonho e no mundo da poesia”, observou Andrade

² Todas as citações de Marcello Gama são da edição de *Noite de insomnia / Avatar e outros poemas* (2010), portanto, nas próximas citações menciono apenas o número da página. Esta edição segue a grafia antiga, assim, as citações serão fiéis a ela. Também os outros poetas citados (Francisco Mangabeira, Augusto dos Anjos e Pedro Kilkerry) estão na grafia antiga, de edições sem data de publicação, conforme consta nas referências.

Muricy (1973, p. 714). O que significa, aliado ao espírito ácrata de muitos de seus versos, que ele vivia *a poesia em movimento*, ou seja, a Anarquia segundo a concepção de Nicolau Saião.

“Esse notável poeta, escreveu ainda Muricy, nunca se submeteu às obrigações duma vida regular, à burocracia, nem buscou sinecuras. Foi jornalista e conferencista e, por fim, empregado de escritório comercial. Tinha horror à vida do quotidiano, à vida do profissional”. Nem mesmo fez os tais “estudos regulares” (1973, p. 714), o que é de se supor que era autodidata.

Não deixa de ser curioso então, e contraditório, que um poeta que tinha “horror à vida do quotidiano” seja mencionado como tendo “pendor para os temas do cotidiano” (MOISÉS, 1984, p. 99).

Gama, sem ser um boêmio radical como o andarilho Fagundes Varella ou o festeiro Bernardino Lopes, era, no entanto, um boêmio; e isso se nota em sua poesia, onde aparece por vezes referências à vida noturna. Em *Noite de insomnia* há menção a um passado em que na “quietação da rua (...) Eis-me então a vagar, sem canto onde pernoite,/ discutindo commigo o sonho, a fome e a noite.” (p. 27). No poema “Eu” há esta pergunta: “Que fiz eu nestes vinte e tres annos?”, seguida desta resposta: “Nada fiz!... Nada sou!...”, e ainda: “nem sempre ando limpo...” (p. 46). O que lhe dá um caráter de poeta maldito que não esconde seu comportamento.

Assim o aspecto mais evidente de sua poesia, parece-me, é a sua intimidade que aí se revela. Pois ele é um poeta intimista, um lírico intimista. A figura de seus familiares (a mãe falecida, as irmãs, etc.), suas crendices caseiras (o “agoiro”) e a sua lida diária com a poesia, carregada de certezas e dúvidas — “*Sono un poeta o sono un imbecille*” (GAMA, p.50) —, são uma constante nos seus versos. Por outro lado, além de uma freqüente referência a si mesmo, há o humor e certa rebeldia ético-política de caráter anarquista.

E vale dizer, Gama não é um poeta de vocábulos raros, como foram muitos de seus contemporâneos aparentados, como ele, do Simbolismo. Sua linguagem é de fácil acesso, e sua poesia, mesmo que colorida pelo humor, muitas vezes sarcástica, ou por vezes indignada com a vida e com os viventes, é sombreada pela constante presença da morte. O que lhe permite um lugar entre os poetas do Decadentismo brasileiro. Mesmo Massaud Moisés o aceita como de “respiração decadente e simbolista” (1984, p. 98). E o seu principal poema,

Noite de insomnia, com aquele “E zás! derramo a tinta!” (p. 42), seguido de um ato de excessiva credence popular, leva-nos a pensar em uma exacerbada sinceridade artística, não numa poesia do cotidiano.

Marcello Gama não canta o cotidiano, não poetiza o cotidiano, não tematiza o cotidiano. Ele insere no cotidiano a magna magia da poesia. Seu cenário caseiro e familiar é sempre distorcido por um olhar mágico, supersticioso muitas vezes, mas nunca faz a descrição desse cotidiano por si mesmo. O cotidiano surge na sua poesia como ambiente, não como tema. Seu tema é ele mesmo.

Dentro dessa sua intimidade temática, detenho-me aqui sobre três aspectos que me parecem bastante evidentes em sua poesia: o *decadente*, o *supersticioso* e o *anárquico*.

1 O decadente

Creio que não seria trabalho fácil encontrar seus semelhantes na literatura. Por mais que seu nome permaneça no limbo, sua poesia, que é pouca, move-se e blasfema originalidade. Tem uma inquietação agressiva, sente-se nela o pulsar de uma alma inquieta, um intimismo e um movimento *sui generis*. Além de que, inúmeras imagens, como a do álamo que “está a convalescer, no hospital da paisagem” (p. 23) ou “O silencio rezava. Era como si houvesse/ romarias no espaço. A tarde tinha somno” (p. 56), são de matizes tão surreais que não seria de todo exagero considerá-lo um *proto-surrealista* (lembrando que o surrealismo não se reduz à “escrita-automática”). O que significa pensá-lo como um poeta *avant-garde*.

Algumas de suas imagens, no entanto, lembram às vezes o tom insano e decadente de Francisco Mangabeira e Augusto dos Anjos, além de outros. Em Gama: “Já então o senhor maestro Pensamento/ começara a reger a opera — *Tormento*” (p. 58), em dos Anjos, no poema “Os doentes”: “Sómente, na metrópole vasia,/ Minha cabeça autónoma pensava!” (p. 101).

Ou ainda, quando entram versos de sinestésias, como nestes de *Noite de insomnia*:

Tenho allucinações auditivas: escuto
um longinquo rumor continuo de engrenagens.

Nas brumas do meu ser vão-se esgueirando imagens
sensoriais: obsessões de amarguras enormes;
perturbações mentaes quasi epileptiformes. (p. 29)

que lembram plásticas semelhantes de dos Anjos, como, por exemplo, no poema “O caixão phantastico”: “Hoffmannicas visagens/ Enchiam meu encéphalo de imagens/ As mais contradictorias e confusas!”. (p. 96)

Mas uma imagem de Gama, a dos corvos que devoram as carnes do poeta num sonho, ainda em *Noite de Insomnia*, leva-nos a outras aproximações:

Eis que então verifico:
Sangra um naco de carne espendurado ao bico
de um corvo, e um outro corvo investe, e em alvoroço,
todo o bando faminto, acurvando o pescoço,
esposteja-me rins, nuca, espadua, cintura. (p. 33)

pois tais versos tem uma impressionante semelhança com outros de Mangabeira, do “Canto VI” de “Dona Leonor” de *Hostiário*, obra de 1898:

Cambaleando, caio por terra...
E um grande corvo,
Hediondo e torvo
Em mim as suas garras enterra.”

Tira-me o craneo, leva-me os braços,
Rasga-me o peito
Magoado e estreito,
Crocita nelle, fal-o em pedaços. (p. 63)

E aqui, mais por curiosa coincidência do que por aproximação, vale lembrar ainda os versos finais de um soneto de Pedro Kilkerry, “Amor volat”, transcrito por Jackson de Figueiredo em *Humilhados e luminosos*:

E vivo só por ver, como curvo aqui fico,
Esse passaro voar, largamente, um bocado
De musculos pingando a levar-me no bico! (1921, p. 87)

Tais semelhanças *imagéticas* me parecem ser efeitos do mesmo ‘ar’ decadente respirado por nossos poetas na virada do século XIX para o XX. E a presença desse corvo, nos três poetas e em muitos decadentes, sabemos, provém de Edgar Allan Poe, aliás, citado por Gama no início de *Noite de insomnia* — “...desta noite que foi de ilustrações aos poemas/ do tenebroso Poe” (p. 21) —. Daí que, se há alguma semelhança entre a poesia de Gama e a **Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.1, p.284, jul. 2010.

de C. Verde, também há com outros poetas, sobretudo brasileiros, mas o fato de haver alguma semelhança não significa que haja ‘filiação’.

Fora essa semelhança ‘plástica’ com dos Anjos, Mangabeira e Kilkerry, creio que sua temática, frequentemente subjetiva, é muito próxima do primeiro. Dos Anjos intitulou seu livro de *Eu*, Gama tem apenas um poema com este mesmo título (“Eu”, em *Via sacra*), no entanto, fala de si com tanta sinceridade e freqüência que é impossível não perceber certa obsessão consigo mesmo, própria do Decadentismo, cuja subjetividade provinda do Romantismo era exacerbada.

Em *Noite de insomnia*, seu maior poema, há a ocorrência da palavra (“eu”) dezenove vezes e o mesmo pronome aparece várias vezes, mesmo que oculto, entre outros poemas, em “*Taedium vitae*” — “Dias de tédio, amargurados dias,/ são os que arrasto á espera de melhores!” (p. 49) —, “*Horas pardas*” — “Olho dentro de mim e fico com pavor” (p. 55) —, “*Sugestões do ocaso*” — “E estavamos nós dois: eu e minh’alma, ali;/ eu sentado, ella em frente; e puz-me a interrogar-a...” (p. 56) — e “*Versos de um convalescente*” — “E por onde eu andava escutava este aviso:/ — ‘Marcello, é tempo já de tomares juizo!’” (p. 59).

Além disso, a menção ao próprio nome “Marcello” ocorre não só em “*Versos de um convalescente*”, mas também em *Noite de insomnia* e em “*Como estudar?*”, o que demonstra, uma vez mais, que sua temática é muito mais centrada em si mesmo do que no “cotidiano”.

Por fim, independente da proximidade estética com Mangabeira e dos Anjos, o decadentismo na poesia de Gama fala por si:

Por detraz da colina, entre balsas de mangue,
um sol tísico morre, em um lago de sangue.
Toda a paizagem tem lassidões de abandono...
A tarde semicerra as palpebras, com somno.
Contornos anulando, ergue-se um pó vermelho.
E na tristura do ar, como se num espelho,
reflectem-se feições e gestos de minh’alma:

— Os tons quentes de luz que o sol, morrendo, espalma,
e a sombria expressão, parada, dos cyprestes... (p. 67)

E é dentro deste ‘eu’ decadente que se encontram os outros dois aspectos que me parecem interessante dar algum relevo: o *supersticioso* e o *anárquico*. Aspectos que são contraditórios apenas em aparência.

2 O supersticioso

A localidade onde Gama nasceu, Mostardas, pertencente na época ao município de São José do Norte, encontra-se numa extensa faixa de terra entre a Lagoa dos Patos e o Atlântico. Tal região, ainda que não muito distante da capital gaúcha, é de se imaginar que devia ser bastante isolada, sobretudo culturalmente, quando de lá o poeta saiu, por volta de 1895, aos 17 anos de idade. Não se deve estranhar, então, que em sua poesia estejam presentes elementos da crendice popular da pacata cidade e de seus familiares.

Em toda a sua poesia encontramos versos “supersticiosos”. Já no seu primeiro livro, *Via sacra*, e no primeiro poema, “Eu”: “Nasci á beira mar, numa noite aziaga” (p. 45), e em “Sugestões do ocaso”: “Depois, risquei no chão uns signaes cabalisticos...” (p. 57), em “Rua da Azenha” de “Dispersos”: “São de tristissimo augurio/ as impressões que tenho em meu novo tugurio” (p. 65). E em *Noite de insomnia* são inúmeras as passagens: “Graças que agosto finda, agosto de mau signo/ que em meus nervos influe aziago e maligno” (p. 22), “Um genio familiar que aos meus males assiste,/ acerca-se do leito: — Ó Marcello, estás triste...” (p. 24), e entre outras passagens, ao fim do poema: “E para que desminta/ o azar, e em meu destino o agoiro não influa,/ corro á janella e atiro um jarro d’agua á rua” (p. 42).

Referências do tipo são comuns em muitos poetas, principalmente em simbolistas e decadentes, mas a constância em que surgem essas referências em Gama vai um pouco além dos outros, pois não sendo um poeta místico, a superstição nele transparece como adendo do ambiente familiar.

Tais ocorrências fazem parte da sinceridade poética de Gama, que não esconde, de sua origem humilde, as ingênuas crenças populares. Por outro lado, que essas crenças se unam a certos rompantes anárquicos não é de todo contraditório, já que historicamente tais uniões são comuns, e alguns versos de *Noite de insomnia* nos levam a isso:

Visiono um outro mundo: — Harmonias preclaras,
culto alegre do Sol, das arvores, das searas,
vida de amor e luz, com a bondade por norma:
cousas que adivinhei e a que depois dei fórma
lendo o Reclus, o Hamon e o belga Vandervelde. (p. 27)

Émile Vandervelde (1866-1938) foi um político socialista belga, mas também um fervoroso maçom; Jean-Jacques Élisée Reclus (1830-1905) foi geógrafo e anarquista; e o Conde Louis Hamon (1866-1936), vulgo “Cheiro”, é o nome maior da quiromancia moderna. Daí não haver contradição em Gama, a menos que se queira ver contradição também nesses autores, assim como em todos os místicos anárquicos e em muitos simbolistas que mesclaram sonho e anarquia.

3 O anárquico

Andrade Muricy diz que Gama “era um revolucionário social meramente lírico” e, logo em seguida, que “em *Noite de insomnia* há um breve manifesto de um socialismo simplista” (1973, p. 714). Tal ingenuidade de interpretação é repetida por Moisés (1984, p. 99) (“socialismo incipiente e ingênuo”). Talvez esperassem que um poeta com versos anárquicos devesse lançar bombas (aliás, como alhures alguns poetas na época o fizeram).

Dário Vellozo, figura maior da poesia mística, *neo-pitagórica*, no Brasil, teve uma aproximação com o anarquismo (Conf. WILLER, 2007, p. 356), mas nem por isso Muricy (1973, p. 389) ou Moisés (1984, p.93), ao tocarem no assunto, falam em “socialismo simplista” ou “ingênuo” neste poeta.

Alvaro Moreyra em um texto intitulado “Lembranças”, que consta ao final da edição das obras completas de Gama de 1944, menciona os livros anarquistas vindo de Lisboa e de Madri que: “Os grandes liam. Os pequenos liam. Anarquistas e anticlericais. Odiavam com muito amor” (1944, p. 150). Gama entre eles.

Jovem poeta vindo do interior, pobre, autodidata, lutando pela sobrevivência na Porto Alegre do início do século XX, “discutindo commigo o sonho, a fome e a noite” (p.27), não é difícil compreender que as leituras anarquistas, aliás simpatizadas por muitos simbolistas, e talvez o contato com socialistas da capital, se refletissem no seu espírito e conseqüentemente tomassem corpo em sua poesia:

Deslocado na vida! Exilado no mundo!
Eis tudo! E mais: — Votando um sincero e profundo
horror a convenções, guerra, leis, patriotismo,
governo, capital... (p. 27)

Não há aí propriamente “socialismo”, o que se nota é a intimidade do poeta se expressando com o vocabulário de suas leituras, e, claro, com a sinceridade de qualquer poeta que não seja parnasiano:

Impor que eu abasteça o espirito rebelde
com regras de moral, quando eu de outras o suppro!...
Pois isso não será mais bestial que um estupro?! (p. 27)

Não penso que seja necessário ser anarquista para pensar dessa forma, ainda que seja dessa forma que todo anarquista pense. Por outro lado, o comportamento de um boêmio “mal vestido” (p. 47) não era, e continua não sendo, bem visto socialmente. E um boêmio leitor de anarquistas pode muito bem, às vezes, mostrar-se irritado: “Hoje sinto-me assim, cheio de desalentos,/ e abafado impetus vis de proferir insultos...” (p. 55), principalmente com o burguês, odiado e desprezado unanimemente pelos poetas decadentes e simbolistas: “Ou, si inveja não é, esses cães que me mordem/ que tem que eu, nos cafés, leve vida sem ordem?”. (p. 47)

Assim, não há “socialismo simplista” ou “incipiente” em Gama. Há sim, uma sinceridade muito grande, que faz parte de toda e qualquer poesia intimista, herdeira do Romantismo, e que, aliado ao espírito de decadência provindo do meio ambiente cultural da capital gaúcha na época e as leituras anarquistas, lhe permitem metáforas *sui generis*, como esta, onde transparece seu inconformismo e rebeldia *individuais*: “Melhor é não pensar... Sinto, se me concentro,/ que a alma de Ravachol tumultua cá dentro” (p. 27). Não há aí *pregação* política. O anarquismo em Gama aparece como metáfora poética e como expressão sentimental, daí sim um revolucionário “lírico”, mas não “ingênuo”.

François Claudius Koëningstein (1859-1892), dito Ravachol, é o mais conhecido dos anarquistas defensores da ação direta, ou seja, que usam da violência em prol da liberdade. No caso de Ravachol, deram-lhe fama, sobretudo, as muitas bombas que explodiu com o objetivo de matar burgueses e policiais. Quando Gama diz que “a alma de Ravachol tumultua cá dentro”, está expressando numa imagem, muito forte é verdade, três coisas que aqui interessam: seu sentimento mais íntimo, o sentimento de “dentro”, um *espiritualismo*, ao evocar a “alma” de Ravachol, e, por último, o ideário mais radical de liberdade de que temos notícia no mundo: o anarquismo. Esta evocação da alma de um anarquista parece nos remeter novamente à aparente contradição anarquia/superstição. No entanto, Gama é um poeta, e aos poetas tudo é permitido. Principalmente na evocação máxima da liberdade.

Conclusão

Junto a esses elementos, encontra-se em Gama também o humor, característica que nele toma muitas vezes alguma acidez, própria do escárnio: “Oh! que bom se eu ficasse/ mais tranqüillo, sereno, e dormisse, e sonhasse/ que era o papa, ou uma besta, ou um político insigne!” (p. 28). Característica esta que aponta para outras direções, mas que permite entrever um poeta que se torna mais e mais complexo na medida em que tentamos entendê-lo. Um poeta que, apesar da simplicidade das palavras, leva-nos para distintos caminhos que se cruzam em determinados pontos de convergência, para em seguida separarem-se e nos fazer calar:

Iluminado ou verme,
que se dirá de mim quando eu putrefizer-me?
Que fui mau? Que fui bom? Mas, bom ou mau, que importa
às misérias do mundo uma dor que está morta? (p.30)

Por fim, vale lembrar que este decadente, supersticioso e anárquico boêmio (que se pode perceber preocupado com a própria boemia em “Versos de um convalescente”) teve um fim nada poético:

Marcello Gama faleceu, após uma vida irregular e boêmia, em 7 de março de 1915, no Rio de Janeiro, em consequência dum acidente, quando, depois das 4 horas da manhã, viajando de bonde, com destino à sua residência, na Rua Castro Alves nº. 123, no Méier, ao passar, adormecido, pelo viaduto do Engenho Novo, foi arremessado à via férrea, de vinte metros de altura, por um movimento brusco do veículo. (MURICY, 1973, p. 714)

Tinha então 37 anos. Deixou três livros publicados e um longo poema, talvez inacabado segundo Muricy, com o título de *O violoncelo do Diabo* — que só Deus sabe onde foi parar.

Referências

DOS ANJOS, Augusto. *Eu e outras poesias*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bedeschi, s/d.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.289, jul. 2010.

FIGUEIREDO, Jackson. *Humilhados e luminosos*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil/Porto: Renascença Portuguesa, 1921.

GAMA, Marcello. *Noite de insomnia/ Avatar e outros poemas*. São Pedro de Alcântara: Edições Nephelibata, 2010.

MANGABEIRA, Francisco. *Poesias*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, s/d.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1984.

MOREYRA, Alvaro. Lembranças. In: GAMA, Marcello. *Via sacra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Sociedade Felipe D'Oliveira, 1944. p. 149 -152.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro – vol. 2*. 2. ed. Brasília: MEC/INL, 1973.

SAIÃO, Nicolau. *Olhares perdidos*. São Paulo: Escrituras, 2006.

WILLER, Claudio Jorge. *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e a poesia moderna*. 2007. 402 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Recebido em: 03/07/2010

Aceito em: 14/09/2010

E-mail do autor: nephelibatas@gmail.com